PERSPECTIVAS DE UM PRÉMIO NOBEL

O Professor Jean Baptiste Aquarone, Director do Instituto Luso-Brasileiro da Universidade de Mompilher, solicitado pela Academia de Ciências Sueca para indicar um escritor de língua portuguesa como candidato ao Prémio Nobel de Literatura de 1960, propôs o nome de Miguel Torga.

A proposta do referido Professor foi corroborada por outros intelectuais e escritores franceses, belgas, italianos e portugueses. ——————— *Dos jornais*

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS • REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

TORGA

PELO DR. FREDERICO DE MOURA

DE S. Martinho de Anta, lá no coração de Trás-os-Montes, vai um escritor, andarilho e afanoso como um almocreve, disputar o prémio Nobel da Literatura a Estocolmo.

Afeito a caminhos abertos no granito e aos socalcos xistosos que descem para o Pinhão, curtido pelo sincelo, fustigado pela neve que vem tocada pelo vento e endurecido por uma vida de cavador montanhês, este homem, firme e inteiriço, vai mostrar confiadamente o produto do seu labor, lá para cima, para uma latitude onde o sol não tem o brilho quente a que os seus olhos estão habituados.

Leva no saco uma obra poética de significação tão funda e tão pouco revestida de palavras inúteis, tão pletórica de seiva e tão descarnada de ramagens farfalhudas, que, por vezes, dá a impressão de que as flores saem do toco sem vergônteas a sustentá-las. E, no entanto, a beleza surge tão imaculada desses poemas, as imagens nascem tão puras da raiz, que no pouco que dizem em palavras se sente o muito que exprimem em sentido, e cada verso deixa caminho aberto a uma vereda de meditação. Parece que a própria poesia lhe desce sobre o verbo, lhe segreda ao ouvido e o unge todo de um óleo fluido e cheiroso que rescende ao longe ou lhe aclara à frente dos olhos verdes e profundos mistérios recônditos nas almas e nas coisas.

Força desmedida da natureza, temperada duma obstinação invencível, tem uma agudeza sôfrega para captar a inspiração e uma disciplina de ferro para a conter em medidas exactas e precisas. Caudal impetuoso de lirismo, a sua poesia realiza uma erosão do supérfluo, deixando a nu a beleza soterrada no fundo dos motivos em que toca.

Mas não leva só isso. Leva também uma galeria de tipos transmontanos, animados dum sangue quente e alagados dum suor milagroso — duas qualidades que lhes dão possibilidade de aparecerem vivos e humanos em todas as latitudes geográficas e em todas as altitudes estéticas. E' gente que arranca o pão trigueiro para a sua boca a um chão granítico e agressivo, o vinho generoso e doirado a xistos pulverizados à força de picareta, nas margens alcantiladas do Douro, e pastos verdes e frescos para a fome dos bois em lameiros humosos onde se atolam até às virilhas.

Mas leva ainda mais na sua trouxa uma «Arca de Noé» cheia de bichos, que, embora nascidos neste quinteiro lusitano, falam uma linguagem que todos os homens entendem, mesmo quando os caracteres que mostram são especìficamente ibéricos, como os de «Tenório», ou com uma obstinação portuguesa de cepa, como os do «Vicente».

Vai, em suma, mostrar lá para o Norte um Portugal verdadeiro, de gente esforçada e firme, que não recua ante a negativa hostil da natureza, como não recuou em frente dos fantasmas terríficos do Mar Tenebroso; gente que faz milagres na crusta terrestre com utensílios herdados da caverna paleolítica, com a mesma teimosia com que os marinheiros do início investiram com o desconhecido a bordo de um barinel.

Português dos quatro costados, representará, como ninguém, um Portugal verdadeiro, com raízes no chão fundo e pedregoso que, ao mesmo tempo, aquece e faz germinar dentro de si um sonho de aventura; um Portugal, ao mesmo tempo, terroso e sonhador, fiel às suas chagas, que não encobre, e às suas grandezas, que gosta de mostrar.

A' volta de Torga nos devemos congregar, fazendo dele o representante da nossa literatura e confiando em que será capaz de levar à compreensão da Academia Sueca o nosso lirismo e o nosso drama, a nossa força expressiva e a tenacidade deste povo, que há quase um milénio defende o chão que tem com as unhas e com os dentes.

Possa ele realizar a viagem de circum-navegação do nosso lirismo como o seu conterrâneo Fernão de Magalhães realizou a outra, e com a diferença apenas de que, desta vez, não falte para a empresa uma cobertura nacional unissona e maciça.

«Ao princípio era o Verbo...»

ARTIGO DE ALVES MORGADO

COMO no princípio das coisas, em que o Verbo Divino se materializou neste Universo prodigioso de que somos míseros íncolas, o prolegómenos da conquista do espaço cósmico ficou também assinalado por um verbo. (Entre parêntesis, diremos que a expressão «espaço cósmico», adoptada com frequência nos hossanas e ditirambos aos satélites artificiais e mísseis interplanetários, é exagerada em demasia. Por enquanto, a acção do drama astronáutico tem por palco o espaço interplanetário, e devemos reconhecer que se trata de um espaço interplanetário de via ainda bastante reduzida, visto que tudo se processa entre o nosso globo e o seu merencório satélite).

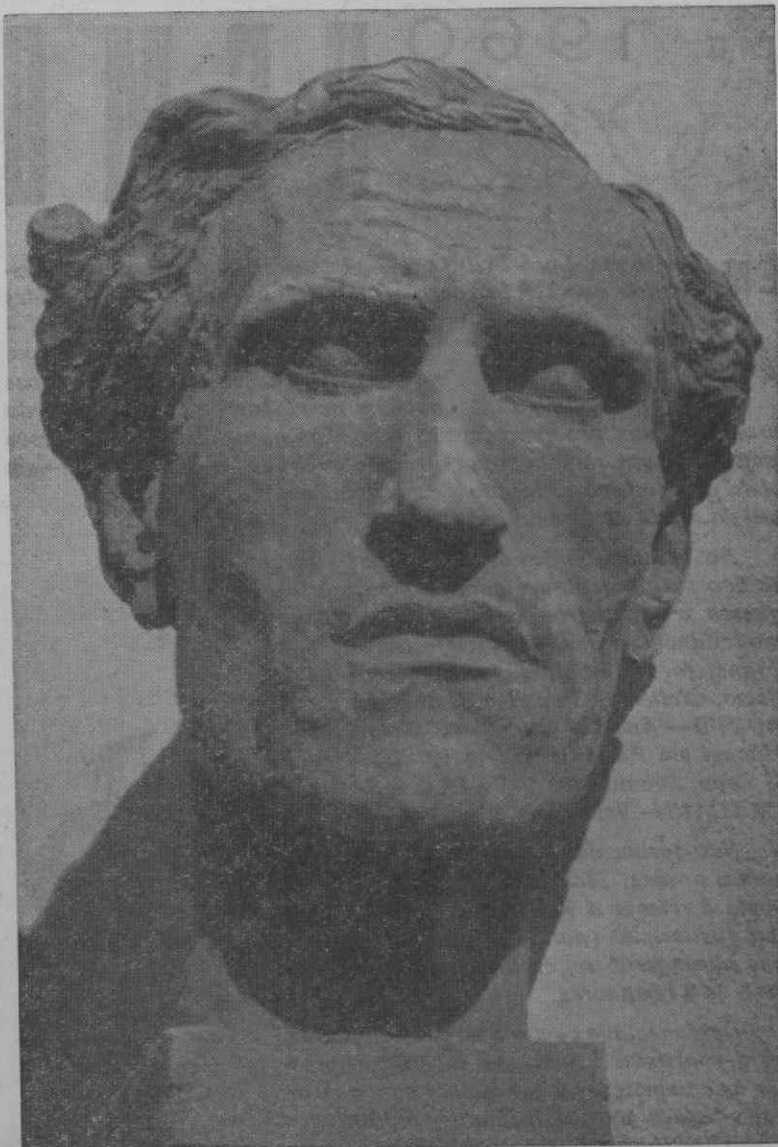
Fechados estes parêntesis, voltemos aos dois verbos, o do princípio do Mundo e o do princípio da «idade cósmica». O primeiro era Divino e tornou-se luz e vida. O segundo é humano e transformou-se numa nuvem de poeira na crusta selenita. Os leitores já compreenderam, certamente, que nos referimos ao verbo *alunar*, criado para definir a chegada de um projéctil terrestre à superfície do nosso satélite. E' próprio, o termo? Era absolutamente necessário criá-lo?

Não vamos responder directamente a estas perguntas. Todavia, elas não ficarão sem resposta, como se verá mais abaixo.

O jovem vocábulo foi criado à imagem e semelhança de aterrar e amarar, termos impostos pela aviação, não por premente necessidade ideográfica, mas simplesmente em obediência ao pendor humano para a síntese nomenclatural. Queremos dizer: os vocábulos *aterrar* e *amarar* foram introduzidos no léxico para substituir locuções: poisar na terra, poisar nas águas ou no mar, etc.. O neologismo que os cientistas da astronáutica inventaram para exprimir a chegada de um míssil à Lua, foi ditado com o mesmo fim, isto é, para substituir a locução «poisar na superfície da Lua».

Mas quando se diz *alunar*, com um sentido oculto de oposição a *aterrar*, parece admitir-se a ideia de que um avião *aterra* porque poisa na superfície de um planeta denominado Terra. Ora o verbo *aterrar* não tem nenhuma relação com a Terra-planeta, mas com a terra-solo. O projéctil soviético chegou ao solo da Lua e levantou uma nuvem de poeira, como verificaram diligentes astrónomos do nosso globo. Significa isto que a crusta selenita está coberta (pelo menos no ponto em que se deu a *alunagem*) de terra solta, que deve ser irmã gémea, ou quase, daquela que nos sufoca em dias ventosos. Por consequência, pode dizer-se que o projéctil voador dos russos, precursor das astronaves de amanhã, poisou em terra selenita ou, simplesmente, e com toda a propriedade: *aterrou*. Mesmo que ele ti-

(Continua na página 7)

Torga, na vigorosa interpretação do escultor EUCLIDES VAZ

DES
POR
TOS

Secção dirigida por António Leopoldo

FUTEBOL | Campeonato Nacional

II Divisão | COMENTÁRIO GERAL

COMPLETOU-SE metade do torneio, depois da realização dos encontros de domingo e da efectivação do desafio que não se disputara na décima jornada, devido ao mau tempo. Sobre os resultados agora conseguidos, pouco haverá a dizer, já que foram absolutamente normais os êxitos do Marinhense sobre o União, do Peniche sobre o Vila Real, da Sanjoanense sobre a Oliveirense e do Académico sobre o Vianense, o mesmo se podendo dizer do triunfo da Oliveirense sobre o Torreense, no Dia de Reis.

Merecem sòmente uma palavra de realce a excelente proeza do Salgueiros, que alcançou uma vitória por números imprevistos em Torres Vedras, aproveitando bem uma tarde desafortunada dos torreenses; e os magníficos empates que o Beira-Mar e o Caldas impuseram — ou cederam... pois ambos tiveram o triunfo ao alcance — em Espinho e Chaves.

Assim vistos de relance os últimos desfechos apurados, passamos, também muito ràpidamente, a uma análise ao comportamento dos concorrentes. O *leader* actual — que amanhã recebe a visita do Beira-Mar num jogo de excepcional interesse e importância — não cedeu qualquer ponto no seu terreno (tal como a Oliveirense) e conseguiu seis pontos fora de casa. Depois do Peniche, com pontos positivos seguem-se o Salgueiros, em segundo, com cinco, e o

Continua na página 6

no 13.º DIA

Marinhense, 2 — União, 0
Peniche, 3 — Vila-Real, 1
Espinho, 1 — Beira-Mar, 1
Sanjoanense, 2 — Oliveirense, 1
Académico, 4 — Vianense, 2
Chaves, 2 — Caldas, 2
Torreense, 0 — Salgueiros, 5

Para amanhã

Em Chaves
CHAVES - TORREENSE (4-3)
Nas Caldas da Rainha
CALDAS - ACADÉMICO (3-1)
Em S. João da Madeira
SANJOANENSE - VIANENSE (1-0)
Em Espinho
ESPINHO - OLIVEIRENSE (1-2)
Em Peniche
PENICHE - BEIRA-MAR (0-1)
Na Marinha Grande
MARINHENSE - VILA REAL (1-6)
Em Coimbra
UNIÃO - SALGUEIROS (0-1)

Da minha janela ...

Apesar de toda a humidade que, só agora, depois de tanto tempo, parece ter-nos abandonado, não houve, felizmente, qualquer sintoma de resfriamento ou qualquer simples constipação, não obstante mantermos a nossa janela bem aberta.

E, como os ares são puros — e salgados — aqui nos mantemos, sem que do facto possa vir mal ao mundo. Pelo menos, e aparentemente, tudo é serenidade...

1

A Associação de Basquetebol de Aveiro não acedeu aos rogos dos clubes seus filiados — que, como o Litoral *referiu, lhe solicitaram a suspensão imediata do campeonato —, mantendo a regularidade da prova. Fez muito bem e mostrou autoridade, como convinha, sobretudo neste conturbado momento.*

Foi, porém, solícita em extremo, aproveitando o mesmo ofício (ou circular, valha a verdade), para marcar uma reunião — já efectuada na pretérita segunda-feira — com os delegados dos clubes, a fim de se estudarem assuntos relacionados com a eleição dos futuros corpos gerentes da entidade regional.

Assim, a A. B. A. matou dois coelhos duma assentada e, o que é importante, pôs a faca e o queijo à disposição!...

2

Por mais de uma vez, ou, melhor, repetidas vezes os jornais têm falado nas precárias condições de utilização do Rinque do Parque, tanto para os desportistas praticantes como para os desportistas assistentes. Nestas colunas, e de longa data, o momentoso problema tem sido objecto de variados comentários; e a própria Câmara já prometeu solucionar o caso, projectando ampliar o recinto até que se possa construir, em definitivo, a instalação mais conveniente para as modalidades pobres aveirenses. Mas o tempo vai passando, e nada se faz...

Entretanto, em S. João da Madeira, a Associação Desportiva Sanjoanense, com a indispensável comparticipação das entidades governativas, ergueu um Pavilhão de Desportos que, no nosso País, só é ultrapassado pelo do Porto.

Pedir para Aveiro um edifício semelhante não seria pedir muito...

Aveiro necessita e merece um Pavilhão de Desportos, pelo seu ecletismo e pela projecção, no âmbito nacional, dos seus atletas. No entanto, um recinto equivalente ao Estádio Municipal de Ílhavo seria festejadíssimo pelos desportistas locais.

O que importa, porém, é reafirmar-se que o actual Rinque do

Continua na página 6

Espinho, 1 — Beira-Mar, 1

UMA verdadeira multidão, em que se distinguia a enorme falange de apoio do Beira-Mar — que arrastou a Espinho muitas centenas de adeptos —, encheu no domingo o Campo da Avenida, onde se realizava um importante desafio da última jornada da primeira volta do torneio secundário. O prélio, entre dois velhos rivais aveirenses que, oficialmente, não se defrontavam há anos, constituiu um espectáculo de muito agrado, apesar do mau cariz do tempo (encoberto, nevoento e molinhoso) e das precárias condições do rectângulo (pesadíssimo e alagado em muitas zonas) terem obrigado os atletas a redobrados esforços.

Logo depois de inaugurar o marcador, iam decorridos três minutos de jogo num (lance em que Raimundo e CORREIA ultrapassaram Alcobia, sob passe largo de Marçal, e o avançado centro aveirense anichou a bola nas redes, com um pontapé por sobre Varela), o Beira-Mar perfilhou a sua já conhecida maneira de actuar em jeito de contra-ataque, com a defesa reforçada com o recuo de Hassane Aly e com a presença de Mota no sector médio.

E o Espinho, naturalmente desejoso de se furtar a novo inêxito caseiro, dada a má posição que ocupa na tabela, não enjeitou os trunfos que assim se lhe ofereceram de mão beijada, e, ainda que titubeante, de início, a pouco e pouco foi exercendo domínio territorial, obrigando o último reduto dos amarelo-negros a permanente actividade. Apesar de bastante confusos e precipitados, os espinhenses creditaram-se da sua melhor exibição na decorrente temporada, segundo nos foi dito; mas tanto não bastou para que os seus dianteiros, morosos e complicativos nalguns lances, a par de manifestamente infelizes noutros (a bola foi várias vezes à madeira de Violas), lograssem o almejado tento, que bem mereciam.

Entretanto, e dentro do plano táctico a que se sujeitaram, os beiramarenses ensaiaram contra-ataques numerosos, sempre com o rótulo de muito perigo. E o certo é que, por variadas vezes, a equipa aveirense esteve pertíssimo de atingir o 2-0, como vamos ver: Correia, aos 11 m., bateu Varela, que saíra dos postes a recolher um passe de Alcobia, e rematou de pronto, fazendo com que a bola cruzasse as redes desertas, sem

Continua na página 6

Xadrez de Notícias

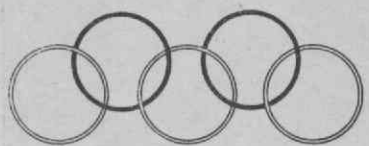
Antes do último encontro Sanjoanense - Illiabum, do Campeonato Distrital de Basquetebol, efectuou-se, no Pavilhão dos Desportos de S. João da Madeira, um desafio de hóquei em patins entre as equipas de juniores das referidas colectividades. Os sanjoanenses venceram, dificilmente, por 3 - 2.

No jogo em atraso da 10.ª jornada do Campeonato Nacional da II Divisão, em futebol, disputado em Oliveira de Azeméis, na passada quarta-feira, registou-se o seguinte resultado: Oliveirense, 3 — Torreense, 0.

Numa reunião efectuada em Sangalhos, na passada segunda-feira, foi instituída a Associação de Ciclismo de Aveiro, realizando-se, brevemente, a eleição dos seus dirigentes.

Além doutras colectividades, estive-

Continua na página 6

Nos Jogos LUSO-BRASILEIROS DE 1960

REMO EM AVEIRO

Os Jogos Luso-Brasileiros — importante manifestação desportiva que servirá para se estreitarem as sólidas amizades existentes entre Portugal e Brasil — começam a disputar-se este ano, no nosso País. As entidades brasileiras acabam de elaborar o anteprojecto do programa das provas, cabendo agora às autoridades portuguesas emitirem o seu parecer sobre o estudo que lhes foi apresentado — em vista à definitiva redacção dos regulamentos do aliciante torneio lusíada.

No entanto, podemos hoje referir que, se não surgir qualquer contratempo, portugueses e brasileiros competirão em doze modalidades, e que, para a efectivação dos Jogos, foram escolhidas: LISBOA — Atletismo, Ciclismo, Ginástica, Natação e Tiro; PORTO — Andebol de Sete, Basquetebol, Hóquei em Patins e Voleibol; SESIMBRA — Caça Submarina; AVEIRO — Remo; e CASCAIS — Vela.

Não foram designadas as datas das diversas provas. Mas, por hoje, o que nos importa é relevar a escolha de Aveiro — escolha justíssima — para as provas de Remo, que abrangerão regatas de skiff, shell de 4 *e* shell de 8 remadores.

Desvanecidos com a honrosa deferência, os desportistas aveirenses saberão emprestar às competições o seu melhor entusiasmo, contribuindo para o brilhantismo dos Jogos Luso-Brasileiros.

Basquetebol

Campeonato Distrital da I Divisão

GALITOS, 32 SANJOANENSE, 26

Rinque do Parque.

GALITOS — Albertino 1, José Fino 6, Luís Robalo 6, Adriano Robalo 11, Hernâni 2, Arlindo 2 e José Luís Pinho.

SANJOANENSE — Rowett, Tavares 3, Edmundo 4, Manuel Pinho 9, Palmares 10, Abreu e Firmino.

A partida da penúltima quarta-feira esteve longe de poder ser considerada sofrível, tanto pela irregularidade das equipas como pela arbitragem, que foi muito modesta.

O Galitos — sem Artur Fino — entrou prometedoramente, atingindo 17-3, mas não manteve o ritmo inicial, quedando-se numa exibição apagada, que permitiu a recuperação dos sanjoanenses.

Ao intervalo: 21-7. Percentagem de lances livres transformados: 50 % (4 em 8 tentados), para o Galitos; e 33,33 % (4 em 12 tentados), para a Sanjoanense.

Arbitraram os srs. Carlos Neiva e Manuel Neves.

GALITOS, 60 CUCUJÃES, 22

Rinque do Parque.

GALITOS — Albertino 3, José Fino 19, Luís Robalo 4, Adriano Robalo 14, Arlindo 8, Júlio 6, Feliciano 6 e João.

CUCUJÃES — Silvestre, Bastos, José António 4, António Ramalhosa 7, Jorge 11, João Ramalhosa e Moutinho.

O encontro de sábado não teve história, tal a supremacia evidenciada pela equipa aveirense — que não se apresentou na máxima força e que não teve necessidade de efectuar grande exibição.

Ao intervalo: 23-11. Percentagem de lances livres transformados: 53,33 % (8 em 15 tentados), para o Galitos; e 75 % (6 em 8 tentados), para o Cucujães.

Arbitraram, sem dificuldades, Narsindo Vagos e Manuel Neves.

A'GUIAS, 40 ESGUEIRA, 30

Campo do Rossio, em Mogofores.

A'GUIAS — Eng.º Santiago Bap-

Continua na página 6

O ACTO DE POSSE DA
Junta Distrital de Aveiro

No pretérito sábado, dia 2, pelas 17 horas, realizou-se, no salão nobre do Governo Civil, a cerimónia da posse da Junta Distrital de Aveiro, cuja constituição oportunamente referimos.

Presidiu, inicialmente, o Chefe do Distrito, sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva, que convidou para a mesa as seguintes entidades: Dr. António Rodrigues, Presidente da Junta Distrital; Dr. Tarujo de Almeida, Presidente da Comissão Distrital da U. N.; Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro; Mons. Júlio Tavares Rebimbas, Vigário Geral da Diocese, em representação do sr. Bispo de Aveiro; Dr. Manuel Homem Ferreira, Deputado pelo Círculo de Aveiro; e Coronel Gaspar Ferreira, Presidente da Junta Autónoma do Porto de Aveiro.

Entre a assistência, encontravam-se os srs.: Comandante Amândio Pires Cabral, Capitão do Porto de Aveiro; capitães Alexandre Mendes Leite de Almeida e Elmano Rocha, comandantes, respectivamente, da P. S. P. e da G. N. R.; Dr. Domingos Afonso e Cunha, Delegado de Saúde; Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu; Dr. José Martins, Intendente de Pecuária; Prof. Boaventura Pereira de Melo, Director do Distrito Escolar; presidentes e vice-presidentes das várias câmaras municipais do Distrito; e os procuradores ao Conselho Distrital e os seus restantes membros.

O sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva declarou verificados os poderes dos elementos eleitos para o novo organismo administrativo e considerou-o legalmente constituido, pelo que, logo após, o sr. Dr. António Joaquim da Silva Lopes, Secretário do Governo Civil, procedeu à leitura da respectiva acta de posse, que foi devidamente assinada.

Prosseguindo, então, no uso da palavra, o Chefe do Distrito agradeceu aos empossados a anuência ao convite que lhes havido sido feito para desempenharem as suas novas funções, afirmando que a sua presença na Junta Distrital dava segura garantia de uma zelosa e profícua acção. E, a concluir, traçou o elogio das individualidades que constituem a Junta Distrital, relevando especialmente o seu Presidente, sr. Dr. António Rodrigues, a quem confiou a presidência da sessão.

O Presidente da Junta Distrital agradeceu as palavras elogiosas que lhe foram dirigidas e afirmou que, dada a inteligência, o zelo, a dedicação e o nacionalismo dos seus cooperadores, alguma coisa se irá realizar a bem de Aveiro e do seu vasto Distrito. A seguir, o sr. Dr. António Rodrigues, salientou a importância da cidade e da zona administrativa de que é sede e referiu a esperança, que anima todos os componentes da Junta, de que se possa realizar um trabalho eficiente e proveitoso para o Distrito de Aveiro, com o auxílio imprescindível do Poder Central e em estreita cooperação com os diversos municípios.

Falou, por fim, o sr. Dr. Alberto Souto, em nome da Câmara Municipal de Aveiro e em representação de todas os outros municípios, que se congratulou com o restabelecimento das juntas distritais, considerando oportuníssima e justa esta medida do Governo, e relembrando a campanha que Aveiro moveu no sentido de que fosse restabelecido o corpo administrativo agora novamente em funcionamento. Saudou o Presidente e os membros da Junta, prometendo-lhes a colaboração de todas as câmaras, salientando, depois, o papel de relevo que lhe está reservado, na congregação de todos os concelhos no sentido de se obter e radicar uma profunda unidade no Distrito de Aveiro.

*

Terminada a cerimónia, realizou-se a primeira sessão da Junta Distrital, que ficou constituída pelos srs.: Dr. António Rodrigues, *Presidente;* Dr. Belchior Cardoso da Costa, *Vice-presidente;* Dr. Manuel Soares, Pedro Grangeon Ribeiro Lopes e Dr. Alberto Luxo Simões de Melo, *vogais efectivos;* e Dr. Fernando Costa e Almeida, Dr. António Tavares Nogueira e Eng.º Manuel Pio da Maia Ramos, *vogais substitutos.*

*

Na manhã desse mesmo dia, e também no Governo Civil, onde provisòriamente se encontra instalada a Junta Distrital, pelo Chefe do Distrito, sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva, foi conferida posse aos funcionários da mesma Junta, que oportunamente concorreram aos cargos em que foram providos, o sr. Alfredo José Alves Rodrigues, e a sr.ª D. Maria da Assunção Coelho Fortes, o primeiro como Chefe da Secretaria e a última como Oficial da mesma repartição.

O sr. Alfredo Alves Rodrigues é, segundo nos informam, um dos mais distintos funcionários dos quadros administrativos portugueses; e a sr.ª D. Maria Fortes por muitos anos serviu, com zelo, competência e a mais rara e disciplinada independência, na Secretaria do Município aveirense, que subchefiou.

O sr. Dr. António Rodrigues, Presidente da Junta Distrital de Aveiro, no uso da palavra

Nota oficiosa do GOVERNO CIVIL DE AVEIRO

Reorganizada a Comissão Municipal de Assistência do concelho de Aveiro, durante o último ano, entende-se que os subsídios dos cofres privativos do Governo Civil, a conceder para fins de assistência na área da cidade e freguesias rurais pertencentes ao Município, poderão ser administrados com mais exacto conhecimento das necessidades, e, consequentemente, com melhor justiça, através daquela entidade.

Esperamos que para os fins a atingir se estabeleça entre as instituições locais de assistência e a referida Comissão um trabalho coordenador em perfeito espírito de entendimento e mediante o qual se extraia das disponibilidades financeiras todo o possível rendimento útil.

Será a Comissão Municipal de Assistência de Aveiro dotada com um subsídio anual de 120 000$00, pagável em duodécimos.

E assim se presta à população pobre da cidade e seu concelho, pelo modo que nos parece mais idóneo, um auxílio de expressão relevante no cômputo global e modesto dos fundos de assistência deste Governo Civil.

Aveiro, 4 de Janeiro de 1960

O Governador Civil
Jaime Ferreira da Silva

Pela Câmara Municipal

Distribuição de pelouros

No sábado findo, dia 2, realizou-se a primeira reunião da edilidade aveirense eleita para servir no quadriénio de 1960-1963.

O sr. Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara, depois de cumprimentar os novos vereadores, afirmando que a cidade muito tem a esperar do seu reconhecido zelo e do seu devotamento à causa municipal, prestou homenagem à Vereação cessante.

Foram seguidamente distribuídos os diversos pelouros, pela seguinte forma: *Secretaria, Tesouraria, Impostos e Finanças, Assistência, Obras e Urbanização,* Dr. Alberto Souto; *Desportos e Saúde Pública,* Eng.º Alberto Branco Lopes; *Habitação,* Coronel Diamantino do Amaral; *Turismo, Parque e Jardins,* Dr. Humberto Leitão; *Higiene e Limpeza, e Cemitérios,* Eng.º José Ferreira Pinto Basto; *Abastecimentos, Mercados e Feiras, e Matadouros,* Dr. Miguel Joaquim Varela Rodrigues; e *Instrução e Cultura,* Dr. Orlando de Oliveira.

Na reunião encontravam-se presentes os funcionários e empregados disponíveis da Câmara Municipal, dos Serviços Municipalizados, da Repartição de Obras e dos Serviços de Turismo, que foram especialmente convocados para lhes serem apresentados os novos vereadores.

O dia das reuniões

De acordo com o que está legalmente determinado, procedeu-se à escolha dos dias para as reuniões públicas semanais da Câmara Municipal.

As sessões efectuam-se às sextas-feiras, com início às 14.30 horas.

Academia de Música do Liceu

Depois do sr. Dr. Alberto Souto ter referido que o ilustre Presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, sr. Dr. José de Azeredo Perdigão, oficiara à Câmara Municipal informando-a de que, atribuira um subsídio para a criação da *Academia de Música do Liceu,* o Vereador sr. Dr. Orlando de Oliveira deu conhecimento de que além de 250 contos destinados à instalação da Academia, aquela benemerente Fundação resolveu atribuir, durante três anos, um subsídio de 100 contos destinado à sua manutenção.

A Câmara, congratulando-se com esta importante dádiva, resolveu exarar na acta um voto de agradecimento à Fundação Calouste Gulbenkian.

Realizações futuras

Durante a primeira sessão camarária de 1960, o sr. Dr. Alberto Souto, depois de ter enumerado os melhoramentos efectuados no ano findo, e depois de ter aludido aos principais acontecimentos ocorridos por ocasião das celebrações do Milenário de Aveiro, referiu:

«Temos que ser parcimoniosos com as despesas evitáveis no ano que hoje se inicia, que podemos considerar um ano de sacrifício e de dificuldade administrativa de que, mediante essa retracção, pode resultar um desafogo e uma apreciável expansão no exercício seguinte, em que poderemos completar a rede de estradas concelhias de primeira necessidade; dar começo à obra do Matadouro; concluir a fase essencial da rede de esgotos e do saneamento; aumentar e melhorar a rede de fontes e de abastecimento de água potável às povoações rurais; aumentar o número de escolas; iniciar a construção do segundo Palácio Municipal, na Praça da República, e do novo Quartel da Guarda Nacional Républicana; iniciar ou acompanhar a abertura das duas novas entradas da cidade; incentivar a construção de novos blocos de habitações económicas ou de renda económica; dar um avanço na urbanização de certas zonas da cidade, segundo o anteplano de urbanização que já deve estar aprovado.

Muito há que fazer. Há que obviar a muitas faltas. Temos de vencer muitas dificuldades. Não poderemos fazer tudo de um jacto. Mas Aveiro e o seu Concelho hão-de manter o ritmo de desenvolvimento que os têm caracterizado nas últimas décadas e que lhe têm conciltado o prestígio de que goza no País.

Creio que traduzo o propósito de todos os que se encontram nesta sala afirmando, neste primeiro acto de exercício de funções da nova Vereação, que o nosso propósito é servir a Cidade, o Município e a Nação, dedicando-lhes o nosso sincero esforço!».

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado — MOURA. Domingo — CENTRAL. Segunda-feira — MODERNA. Terça-feira — ALA. Quarta-feira — MORAIS CALADO. Quinta-feira — AVEIRENSE. Sexta-feira — SAÚDE.

Feriado Municipal

Só há pouco tivemos conhecimento de que na reunião da Câmara Municipal de 4 de Dezembro de 1959 foi deliberado festejar todos os anos, em 12 de Maio, o feriado municipal, independentemente de se realizar ou não a procissão de Santa Joana Princesa.

Consta da respectiva acta que «o Vereador Senhor José Mortágua falou acerca do feriado municipal, para o qual foi escolhido o dia 12 de Maio, que tem estado sujeito e dependente da realização da procissão de Santa Joana, quando é certo que, embora esta não tenha lugar todos os anos, sempre se têm levado a efeito festividades, quer cívicas, quer religiosas, em honra da padroeira da cidade. Tendo-se suscitado dúvidas quanto à interpretação do que se pode designar por «festividades» que justifiquem o estabelecimento daquele feriado, a Câmara deliberou festejar anualmente o dia 12 de Maio, de acordo ou com a colaboração das autoridades eclesiásticas, quer se realize ou não a correspondente procissão».

A deliberação, tomada por unanimidade, merece o nosso inteiro aplauso.

Festa na Colónia Agrícola da Gafanha

No passado dia 1, realizou-se, na Colónia Agrícola da Gafanha uma pequena festa a que assistiram, além dos colonos e suas famílias, quantos têm trabalhado nesta obra.

Presidiu o sr. D. Domingos da Apresentação Fernandes, Bispo de Aveiro, encontrando-se presentes: o Rev.º Padre António de Almeida Resende, capelão da Colónia; as sr.as D. Maria Eugénia Amaral, em representação da Obra das Mães pela Educação Nacional, e D. Lucinda Correia, Assistente Social do mesmo Organismo; os srs. eng.os agrónomos Henrique Mascarenhas, Delegado da Junta de Colonização Interna em Aveiro, e Carlos Domingos Ferreira Torres, Assistente Técnico da Colónia da Gafanha; e ainda outras entidades.

O venerando Prelado da Diocese celebrou missa e, na altura própria, proferiu uma significativa homilia.

No fim do piedoso acto, houve, numa das escolas, uma pequena cerimónia para distribuição de berços e enxovais, totalmente confeccionados pelas alunas do «Centro de Formação Familiar», em funcionamento na Colónia, a diversas famílias numerosas. Seguiu-se a distribuição dos prémios referentes ao Concurso Pecuário realizado no dia 14 de Dezembro passado e dos prémios de «Zelo Cultural» e «Arranjo do Lar», atribuidos, respectivamente, aos colonos que mais se distinguiram durante o ano nos trabalhos de campo e às mulheres que mantiveram o seu casal mais acolhedor.

O sr. Bispo de Aveiro dirigiu palavras de aplauso aos premiados e de estímulo aos restantes colonos, incitando-os a que, de futuro, todos possam ser merecedores de iguais prémios.

Por fim, no Posto Social, onde estava armado um presépio, foi oferecido um pequeno almoço a todos os presentes, sendo ainda as crianças contempladas com brinquedos.

C.

Instituto Alavário

Na reunião camarária de 30 de Dezembro do ano findo, «prestes a encerrar-se o ciclo das comemorações do primeiro milenário da comprovada existência de Aveiro e do segundo centenário da sua elevação a cidade, e para perpetuar no campo das actividades mentais esse notável facto da vida local», o sr. Dr. Alberto Souto propôs «que a Câmara Municipal promova a criação de um instituto de investigação, estudo, documentação e arquivo de conhecimentos sobre a região em que tem seu assento administrativo o Distrito de que a cidade é capital.»

Da proposta, largamente fundamentada, consta que «o *Instituto Alavário* será a congregação necessária à disciplina mental e à conjugação dos esforços dos nossos estudiosos em prol de uma obra de que a região, o distrito e a cidade carecem — um instituto de estudos regionais para o sector primacial da Geografia, da História, da Arqueologia e da Etnologia, ciências básicas do conhecimento de um povo.»

E esclarecendo: «a isso será destinado o *Instituto Alavário*, ainda comemorativo do Milenário de Aveiro e que por isso mesmo evoca no seu título o nosso primitivo topónimo.»

A Câmara autorizou o seu Presidente, sr. Dr. Alberto Souto, «a promover o necessário para que a ideia se efective em perfeita independência da administração ou interferência municipais, mas sob a égide ou auxílio material e moral da Câmara Municipal de Aveiro, que na devida altura deverá inscrever no seu orçamento o necessário subsídio, proporcionando os meios razoáveis e possíveis de instalação e manutenção.»

Limitamo-nos, por agora, a dar esta agradabilíssima notícia aos nossos leitores — a todos os que estejam verdadeiramente interessados pelo prestígio da cidade de Aveiro. Oportunamente voltaremos ao assunto com o desenvolvimento e o cuidado que a sua transcendência reclama.

Arquivo do Distrito de Aveiro

Em complemento da proposta que referimos na notícia anterior, o sr. Dr. Alberto Souto acrescentou, na última reunião camarária de 1959, o seguinte:

«Considerando que a publicação periódica de cultura regional *Arquivo do Distrito de Aveiro*, fundada em 1935, e aqui editada, bem há merecido da cidade, honrando-a e ilustrando-a num quarto de século de desinteressado, generoso e ímprobo trabalho de investigação e estudo dos seus directores e colaboradores, nunca tendo recebido qualquer auxílio ou subsídio oficial e municipal, e sempre tendo apoiado e servido todas as nossas grandes realizações dignificadoras, a Câmara Municipal de Aveiro, ao aprovar a criação de uma congregação denominada *Instituto Alavário*, manifesta-lhe o seu reconhecimento, declarando-a *Benemérita da Cidade*, com a sua Medalha de Prata que nesta data lhe confere, em três exemplares, louvando os seus directores, os escritores Senhores Dr. António Gomes da Rocha Madahil, Director da Biblioteca Pública Nacional de Braga e bolseiro da Alta Cultura em Lisboa, Dr. José Pereira Tavares, antigo professor e reitor do Liceu, e Dr. Francisco Ferreira Neves, professor do Liceu, a quem desde já convida a fazerem parte da Comissão organizadora do referido *Instituto Alavário*, destinado a estudos regionais da natureza dos que têm sido objecto da mesma benemérita publicação.»

Congratulamo-nos com este acto de merecida justiça.

Vende-se

— casa e quintal com duas frentes. Óptimo para construir. Preço de ocasião. Informa a Redacção deste jornal e o telefone 23759.

Quartel da G. N. R.

A título provisório, e enquanto não for construído o previsto quartel nesta cidade, a G. N. R. mudou, desde o dia primeiro do corrente mês, as suas instalações da Rua de José Estêvão para a Rua do Capitão João de Sousa Pizarro, ficando a funcionar no prédio últimamente ocupado pela Delegação em Aveiro da I. N. T. P..

Novo Comandante da Base Aérea 7

Assumiu, recentemente, o comando da Base Aérea 7, de S. Jacinto, o sr. Coronel-piloto-aviador Manuel Norton Brandão, que, há anos, exerceu já idênticas funções na nossa Base Aérea.

Quem perdeu?

Durante o mês de Dezembro findo, foram encontrados na via pública e encontram-se depositados na Secretaria do Comando da P. S. P. os seguintes objectos, que se entregam a quem provar que lhe pertencem:

Duas luvas de senhora (sem par); três luvas de homem (sem par); um par de luvas de senhora; uma bicicleta de homem; uma bomba de bicicleta; um capuz de lã azul; e uma samarra.

Compartipação concedida ao Hospital da Misericórdia

Dentre os subsídios há dias concedidos pelo Ministério das Obras Públicas, através do Fundo do Desemprego, para obras em diversos estabelecimentos hospitalares e escolares, conta-se uma compartição de 50 contos à Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, para aquisição de mobiliário e equipamento do seu Hospital.

Em Ílhavo

Arrenda-se rés-do-chão com vários compartimentos, todo modernizado e próprio para estabelecimento, no melhor local da Vila.

Falar na Gruta. — Tel. 22962

Empregada

Com conhecimentos de expediente, dactilografia e caixa, precisa-se, na GARAGEM CENTRAL — AVEIRO.

Serviços Municipalizados de Aveiro

REGISTO DE FORNECEDORES

Estando em reorganização o registo das firmas fornecedoras destes Serviços Municipalizados, convidam-se todos os interessados a solicitar a sua inscrição no referido registo, mediante carta em que indiquem os artigos para cujo fornecimento desejem, de futuro, ser consultados.

Publicações do Milenário

Temos conhecimento de que se encontram quase concluídas, devendo ser postas em distribuição muito brevemente, duas publicações relativas ao Milenário de Aveiro: o primeiro volume da *Colectânea de Documentos Históricos*, organizado pelo sr. Dr. António Gomes da Rocha Madahil, com documentos de 959 a 1516, e o primeiro volume de *Mil Anos de História—Efemérides Aveirenses*, organizado pelo sr. Dr. António Christo, abrangendo os meses de Janeiro a Junho.

Segundo nos informam, encontra-se em bom andamento a publicação da *Antimoria*, do insigne aveirense Mestre Aires Barbosa, a cargo do sr. Dr. José Pereira Tavares.

O nosso colaborador Dr. António Christo tem já publicados dois trabalhos da série de biografias de aveirenses ilustres: *Francisco de Paula de Figueiredo—Notável Poeta e Orador do século XVIII* e *Jesuítas Aveirenses*.

Dentro de poucos dias, deve ficar impresso um outro trabalho seu, *Cancioneiro de Santa Joana Princesa*, em segunda edição, muito aumentada; e é possível que ainda durante este mês fique concluída a impressão do seu estudo, muito desenvolvido, *Alguns problemas sobre João Afonso de Aveiro*.

Pela Capitania

Movimento marítimo

★ Em 29 de Dezembro, vazio, saiu para Lisboa o navio-tanque «Cláudia».

★ Em 5, entrou a barra, procedente de Setúbal, com 80 toneladas de cimento, o galeão a motor «Praia da Saúde».

★ Em 6, vindo de Lisboa, com 771 toneladas de gasolina super, demandou a barra o navio-tanque «Cláudia».

Serviço de pilotagem

No decurso do ano de 1959, entraram a barra 179 navios, com a tonelagem de 85 514,64, e saíram, no mesmo período, 183 embarcações, com 87 697,34 toneladas, navios estes sujeitos a pilotagem.

No decorrer do mesmo ano, entraram a barra 2 813 embarcações de pesca motorizadas, não sujeitas a pilotagem.

Movimento da Lota

O movimento da lota de Aveiro ressentiu-se, no passado mês de Dezembro, do estado do tempo, pois os grandes temporais então ocorridos impediram que as traineiras saíssem para a faina, com a habitual regularidade.

Mesmo assim, o movimento total atingiu a importância de 677 741$00, soma do produto da venda da sardinha e carapau (572 981$00) e do apuro do peixe da Ria (104 760$00).

Pela Legião Portuguesa

O Centro de Estudos Político-Sociais da L. P., através da sua Secção de Cinema, vai este ano iniciar uma série de ssesões culturais em que, aos interessados, será dado apreciar diversas artes e ciências.

As sessões terão habitualmente, como complemento, uma curta palestra, a primeira das quais estará a cargo do Rev.º Padre António Augusto de Oliveira.

A próxima sessão realiza-se no salão nobre do Grémio do Comércio, na quinta-feira, dia 14, às 21.30 horas, exibindo-se as seguintes películas: *O Fotógrafo*, *Paisagens Insólitas*, *A Voz do Éter* e *Ouça e Veja*.

A esta sessão, poderão assistir, todas as pessoas que o desejem.

S. Gonçalinho

Amanhã e segunda-feira, o bairro piscatório da Beira-Mar está em festa, por ocasião das tradicionais comemorações do milagroso S. Gonçalinho.

O programa dos festejos ficou assim elaborado:

Amanhã — às 8 h., alvorada, com girândolas de foguetes e repiques dos sinos da capelinha; às 11 h., missa solene, com sermão, acompanhada a grande instrumental pela *capela* da Banda Amizade; às 13 h., cortejo de pastorinhos; às 16 h., ladainha cantada pelo Rev.º Pároco da Vera-Cruz, e o tradicional lançamento de cavacas; às 21 h., arraial nocturno, com a colaboração das bandas Amizade e Aveirense; e, às 24 h., sessão de fogo de artifício.

Segunda-feira — às 8 h., alvorada, com girândola de foguetes, e missa; às 15 h., cavalhadas, com lançamento de cavacas, concerto pela Banda Aveirense, e entrega dos cargos aos mordomos que servirão em 1961; e, às 21 horas, estreia do nóvel *Grupo Coreográfico «Tricanas de Aveiro»*.

Cumprimentos de Boas-Festas

Dignaram-se enviar-nos cumprimentos de Boas-Festas numerosos leitores e amigos do nosso jornal, diversas entidades, colectividades e casas comerciais e industriais.

No próximo número faremos mais pormenorizada referência a estas desvanecedoras amabilidades, antecipando já o agradecimento que mais expressivamente então faremos.

Cartões de Visita

FAZEM ANOS:

Hoje — O sr. Manuel Álvaro de Almeida d'Eça Soares, filho do sr. Dr. Manuel Soares; e o menino Manuel Jubero Belo Cardoso, filho do sr. Antero Pires Cardoso, ausente em Luanda.

Amanhã — As sr.as D. Maria Isabel Boia Ramos, esposa do sr. Aníbal Ramos, D. Ângela Moreira da Maia, esposa do sr. Francisco Nunes da Maia Júnior, e D. Maria Augusta de Oliveira, esposa do sr. Manuel Agostinho da Silva, da Murtosa; e os srs. José dos Santos Piçarra e Abel Ferreira da Encarnação Durão.

Em 11 — As sr.as D. Elvira Andrade de Carvalho, viúva do saudoso Arnaldo Soares de Sousa, e D. Maria de Lourdes Morais Domingues; e o sr. Casimiro Luís.

Em 12 — A sr.ª D. Olga da Silva Conde Moreira González; o Rev.º Padre José Maria Carlos, pároco da freguesia da Glória; e os srs. Major José Alves Moreira, Vereador Eng.º Alberto Branco Lopes e João Rodrigues Marques Paulino, residente em Lourenço Marques.

Em 13 — As sr.as D. Maria Fernanda Pinto Madail Boia, esposa do sr. Carlos Lourenço Boia, D. Florinda Teixeira de Oliveira Romão, esposa do sr. Porfírio da Maia Romão, e D. América da Costa Forte, esposa do sr. António Nunes Forte; e o sr. Manuel Simões Martins Júnior; e a menina Maria Eugénia Ferreira Pinho dos Neves, filha do sr. Capitão Joaquim Pinho das Neves.

Em 14 — A sr.ª D. Maria do Amparo Gamelas da Costa; os srs. Capitão António José da Costa Campos e Jorge de Oliveira Biscaia, filho da sr.ª D. Sara Biscaia.

Em 15 — A sr.ª D. Maria Leocádia Magalhães Lima Mascarenhas, viúva do saudoso Desembargador Dr. Evaristo Mascarenhas; e os srs. Belmiro Ribeiro, funcionário das Finanças, no Porto, e Manuel Maria da Maia, Delegado do G. I. P. L. na capital.

PEDIDO DE CASAMENTO

No passado dia 1 de Janeiro, foi pedida em casamento para o sr. Eduardo Andias Meireles, filho da sr.ª D. Teresa Andias Meireles e do sr. Hermenegildo Meireles, a menina Maria Filomena Lopes Gaspar, filha da sr.ª D. Gertrudes Lopes Gaspar e do sr. António Gaspar Júnior, residentes em Espinho.

O enlace realiza-se brevemente.

Cartaz de Espectáculos

Teatro Aveirense

TELEFONE 23848 — Programa da semana

Sábado, 9, às 21.30 horas (17 anos)

Brian Donlevy, Gary Murray e Ellen Janssem em **A FUGA DE RED ROCK** — Um filme em REGALSCOPE

E um esplêndido documentário em TECHNICOLOR **A CONQUISTA DO EVEREST**

DOMINGO, 10 às 15.30 e às 21.30 HORAS (17 anos)

A PELÍCULA TOTALMENTE FALADA EM PORTUGUÊS

MARPESSA DAWN ★ BRENO MELO — **ORFEU NEGRO** — LOURDES DE OLIVEIRA ★ ADHEMAR DA SILVA

Uma produção franco-brasileira, realizada por MARCEL CAMUS, que conquistou a Palma de Ouro, no Festival de Cannes de 1959 ★ Um deslumbramento de cores, ritmo e ternura, num filme humano, profundo e belo ★ EASTMANCOLOR

Quarta-feira, 13, às 21.30 horas (12 anos)

Uma história juvenil, alegre e picante com um numeroso friso de lindas raparigas

PROIBIDO AOS HOMENS

Um filme de Ralph Habib interpretado por Nicole Courcel ★ Dany Carrel ★ Yvon Desny ★ J. L. Trintignant ★

Quinta-feira, 14, às 21.30 horas (12 anos)

O. W. FISCHER e LISELOTTE PULVER

num filme alemão alegre, imprevisto e enternecedor, que conta uma história romântica vivida na cidade universitária de Heidelberg

A CIDADE DO AMOR — AGFACOLOR

Cine-Teatro Avenida

TELEFONE 23343 — AVEIRO — APRESENTA

BREVEMENTE

Amorzinho da Minha Vida

PEDRO INFANTE ★ SARITA MONTIEL

Terça-feira, 12, às 21.30 horas (17 anos)

Uma película inglesa cheia de indiscutíveis situações de comicidade

Coração, Não Batas Mais!

Hardy Kruger ◇ Silvia Sims ◇ Ronald Lewis

Uma esfuziante comédia em EASTMANCOLOR

BREVEMENTE

LUA DE MEL EM MONTE CARLO

RIO BRAVO

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª publicação

No processo de habilitação, pendente na 2.ª Secção do 1.º Juízo da Comarca de Aveiro, em que são requerentes: Maria Júlia de Jesus Maia, viúva, Maria Adelaide Maia da Silva e seu marido, residentes em Aveiro, na qualidade de interessados na acção sumária que o falecido Hamilton Marques da Silva e sua mulher moviam contra Maria Benedita Henriques Pereira de Oliveira e outros, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda publicação deste, notificando Leontina da Conceição Abreu Henriques, divorciada, doméstica, que teve a sua última residência conhecida na Rua de Cimo de Vila, 5, 2.º D.to., cidade do Porto, para, no prazo de 8 dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, a habilitação deduzida pelos requerentes.

Aveiro, 4 de Janeiro de 1960

O Juiz de Direito,

Francisco Mendes Barata dos Santos

O Chefe de Secção,

José Maria Bettencourt

Litoral ★ Aveiro, 9-I-1960 ★ N.º 272

DESPORTOS

CONTINUAÇÕES DA SEGUNDA PÁGINA

FUTEBOL

Comentário Geral

Beira-Mar, em terceiro, com quatro (tal como o Caldas, postado em sexto lugar). As mencionadas equipas juntamente com os grupos que possuem um ponto positivo — Chaves, Sanjoanense e Oliveirense — encontram-se bem situados para a luta, que promete ser apaixonante, pelos postos que dão acesso à I Divisão e ao torneio de competência — os lugares de honra, resumindo.

Na outra metade, o Marinhense é o *team* mais tranquilo, dado o equilíbrio da sua prova. Dos restantes, o União, com cinco pontos negativos, e o Académico, com seis, são os pior colocados, seguidos pelo Espinho, com quatro pontos negativos, pelo Torreense, com três, e ainda pelo Vila Real e pelo Vianense, ambos com dois. Refira-se que apenas os vianenses e os conimbricenses não conseguiram qualquer ponto extra-muros. A luta para a fuga aos postos que acarretam a descida automática ou que forçam aos jogos de passagem promete, deste modo, revestir-se de permanente vibração e entusiasmo, valorizando sempre — e cada vez mais — os jogos do torneio.

e a partida tenha sido correcta, dum modo geral, houve quem se excedesse sem ter sido devidamente repreendido (casos de Artur, a meio do primeiro tempo, que *jogou a varrer* durante uns minutos, e de Vladimiro e Valter, que, à passagem da meia hora inicial, mereciam castigo severo por faltas que cometeram sobre Diego).

Em 1 de Janeiro

Confraternização entre os jogadores do BEIRA-MAR

Na impossibilidade de trazer a Aveiro, na data da passagem de mais um aniversário da Colectividade, qualquer grupo de cartel, e dada a incerteza do tempo, o Beira-Mar promoveu, na penúltima sexta-feira, 1 do corrente, um desafio entre duas equipas de jogadores amarelo-negros.

O encontro, arbitrado por Armindo Teto, serviu excelentemente de óptimo treino com vista ao jogo de Espinho, tendo decorrido com muito agrado.

Os *solteiros*, com dois golos de Diego, derrotaram os *casados*, que responderam com um tento de Correia, apresentando-se os grupos com os seguintes elementos:

CASADOS — Violas; Brito, Liberal e Piteira; Mota Veiga e Hassane Aly; Raimundo, Mota, Correia, Ramos e Moyano.

SOLTEIROS — Sidónio (Teixeira); Dimas, Pastorinha e Evaristo; Marçal e Ribeiro; Marcelo, Laranjeira, Calisto, Sarrazola e Diego.

Beira-Mar, 1 — Espinho, 1

que Diego pudesse efectuar o toque final, por vir atrasado; a seguir, aos 13 e aos 19 m., Diego foi impedido pelo *bandeirinha* da bancada de prosseguir isolado para as redes, com dois foras de jogo inexistentes; aos 25 m., Diego, em vistosa combinação de Correia com Raimundo, cabeceou sobre a barra, elevando-se bem e batendo os defensores espinhenses; Varela, aos 30 m., salvou um tento iminente, arrojando-se aos pés de Correia, à entrada da área, quando o dianteiro amarelo-negro se preparava para concluir um oportuno lançamento de Marçal; e, finalmente, aos 41 m., sob toque de Moyano, Diego isolou-se mas rematou ao lado, quando podia ter dado um passo em frente e atirar calmamente...

A presente enumeração de lances de possível golo é, por si, elucidativa, dispensando quaisquer comentários.

No segundo período, aos 52 m., o Espinho igualou. Um momento de indecisão dos defensores visitantes, após um pontapé de Vladimiro ter sido desviado e ir embater na barra transversal, permitiu que SILVA, a curta distância de Violas, efectuasse uma recarga vitoriosa. Esperava-se que os espinhenses, atingida a igualdade, procurassem afincadamente a vitória. Mas tal não aconteceu.

Acusando visivelmente o esforço até então dispendido (Alcobia teve até de ir para extremo, trocando com Valter), o *team* da Costa Verde veio a ceder quando o Beira-Mar se resolveu a ir abertamente para a ofensiva. Denotando um elogiável poder físico, apesar do recinto ser propício a um demolidor desgaste, os beiramarenses lançaram-se empenhadamente na procura de golos que lhe garantissem a vitória. E a turma, mesmo sem render tudo o que pode — já que os goleadores da equipa, os elementos que mais atiram ao golo (Correia e Raimundo), continuam a ser deficientemente ou tardiamente solicitados, e já que Diego não esteve certo, no decorrer de todo o jogo —, justificou amplamente a obtenção dum *score* favorável. Para além de lances em que Varela salvou

TABELA DE PONTOS						
CLUBES	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Peniche	13	9	2	2	21 - 12	20
Salgueiros	13	9	1	3	30 - 10	19
Beira-Mar	13	7	2	4	21 - 22	16
Chaves	13	6	3	4	23 - 19	15
Sanjoanen.	13	7	1	5	27 - 23	15
Caldas	13	5	4	4	23 - 23	14
Oliveirense	13	6	1	6	30 - 26	13
Marinhense	13	5	2	6	18 - 17	12
Torreense	13	5	1	7	28 - 28	11
Vianense	13	5	—	8	26 - 29	10
Espinho	13	3	4	6	20 - 24	10
Vila Real	13	3	4	6	24 - 33	10
Académico	13	3	4	6	25 - 36	10
União	13	3	1	9	17 - 31	7

Registo do jogo

A'rbitro — Alberto da Fonte. *Fiscais de linha* — Pedro Santos (bancada) e Pinto da Costa (peão), da Comissão de A'rbitros do Porto.

ESPINHO — Varela; Padrão, Alcobia e Alberto; Adriano e Vladimiro; Silva, Artur, Pinhal, Valter e Luciano.

BEIRA-MAR — Violas; Brito, Liberal e Evaristo; Marçal e Hassane Aly; Raimundo, Mota, Correia, Diego e Moyano.

Golos — Aos 3 m., para o Beira-Mar, por CORREIA; e, aos 52 m., para o Espinho, por SILVA.

brilhantemente a turma da casa, e de jogadas em que, por morosidade ou por infelicidade (caso de Correia, aos 70 m., que rematou à barra, no desenvolvimento dum *corner* apontado por Raimundo), o Beira-Mar só não venceu porque o árbitro não permitiu.

Tal e qual, sem tirar nem pôr: o Beira-Mar não ganhou porque a equipa de arbitragem o impediu de obter o triunfo!

Passando em claro uma série de foras de jogo erradamente assinalados, temos de analisar, em pormenor, dois pontos fundamentais. Primeiro: a invalidação de um autêntico *golão* conseguido pelo extremo Raimundo, aos 74 m., por hipotético fora de jogo (logo assinalado pelo *refree*) de Correia. O dianteiro-centro de Aveiro, com um adversário à ilharga, não se fez ao lance, nem se podia intrometer na jogada, dado que Raimundo visou directamente a baliza; portanto, o árbitro errou, prejudicando imensamente o Beira-Mar. Segundo: aos 77 m., num pontapé de recarga de Brito, Varela deteve o esférico dentro da baliza, dando-lhe depois uma palmada para canto. O juiz, em boa pssição, apercebeu-se, com toda a certeza, de que se verificara um golo dos autênticos; mas, ante o pasmo geral, não quis considerar bom também esse golo, com manifesto prejuízo do Beira-Mar e com manifesta influência no resultado do desafio, que saiu falseado...

Antes de finalizarmos, devemos uma palavra de elogio às boas exibições de Varela, Alberto, Adriano e Vladimiro, entre os espinhenses, e de Violas, Correia, Moyano, Marçal e Raimundo (quando servido..), entre os aveirenses.

Da actuação do árbitro e seus auxiliares, pouco temos que dizer, além do que já ficou referido. O trio foi caseiro em excesso, e nem sempre actuou com acerto. Além disso, falhou disciplinarmente, pois, embora a virilidade imperasse

BASQUETEBOL

tista 6, Albano 7, António Baptista 10, Pereira 7, Valdemar 8 e Aurélio 2.

ESGUEIRA — Raul 2, Júlio 2, Américo 11, Valente 12, Salviano 3, Manuel Pereira, Luís Maria e Vinagre.

O jogo foi bastante agradável e bem disputado, com vantagem para a equipa local, que mereceu o triunfo.

Ao intervalo: 20-10. Percentagem de lances livres transformados: 40 % (4 em 10 tentados), para o A'guias; e 52,173 % (12 em 23 tentados), para o Esgueira.

Arbitraram os srs. António Rino e Manuel Bastos.

SANGALHOS, 36 GALITOS, 43

Campo do Colégio.

SANGALHOS — Barros 1, Manuel Ferreira 9, Albano 5, Alberto 15, Amândio 4, Arménio 2 e Feliciano.

GALITOS — Albertino 1, José Fino 12, Luís Robalo 8, Adriano Robalo 6, Arlindo, Artur Fino 9, José Luís Pinho 5 e Pimenta 2.

Numa partida bastante agradável, disputada na quarta-feira, o Galitos, mercê duma magnífica primeira parte, obteve um precioso triunfo, que lhe deve garantir a manutenção do título.

Ao intervalo: 17-28. Percentagem de lances livres transformados: 50 % (18 em 36 tentados), para o Sangalhos; e 59,99 % (13 em 22 tentados), para o Galitos.

Arbitraram, criteriosamente, os srs. Armando Silva e João Costa, do Porto.

★

No encontro *Cucujães-Águias*, da 10.ª jornada, a Associação de Basquetebol de Aveiro atribuiu a vitória aos mogoforenses, por falta de comparência do Cucujães. Ao que sabemos, porém, os cucujanenses vão recorrer da decisão.

A partida Sanjoanense-Sangalhos foi adiada, de sábado passado para a próxima quinta-feira.

Tabela de Pontos

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Galitos	10	9	—	1	377 - 260	28
Esgueira	11	8	—	3	311 - 310	27
Sangalhos	10	7	—	3	328 - 287	24
Águias	11	6	—	5	311 - 344	23
Sanjoanense	10	6	—	4	376 - 321	22
Illiabum	10	4	—	6	258 - 223	18
Cucujães *̥	11	2	—	9	250 - 351	14
Estarreja ✧	11	—	—	11	21 - 36	1

✧ Tem dez faltas de comparência

*̥ Tem uma falta de comparência

Para a 12.ª jornada — HOJE — Cucujães-Sanjoanense (34-44) e Sangalhos-Illiabum (58-34). AMANHÃ — Esgueira-Galitos (26-41). QUINTA-FEIRA — Sanjoanense-Sangalhos (38-43). O Águias folga, por falta do Estarreja.

Campeonato de Reservas

Galitos, 49 — Sanjoanense, 29

Arbitrou Manuel Bastos, e os grupos apresentaram:

GALITOS — Calisto 2, João 14, Feliciano 10, Júlio 13 e Luís Bernardo 10.

SANJOANENSE — Lima, Calhau 4, Aureliano 8, Lino 8, Américo Cunha 6 e Fontes 3.

Partida interessante, com vitória justa da melhor equipa.

Ao intervalo: 23-13.

Sangalhos, 22 — Galitos, 19

Arbitrou, irregularmente, o sr. Carlos Neiva, e os grupos apresentaram:

SANGALHOS — Arlindo Santiago, Carvalho 3, Calvo 4, Tribuna 7, Antero 4 e Gonçalves 4.

GALITOS — Calisto, João 3, Feliciano 5, Júlio 9 e Luís Bernardo 2.

Ao intervalo, os aveirenses venciam por 12-10. Depois, ficando reduzidos a quatro elementos, pela saída de Feliciano, com cinco faltas, os alvi-rubros vieram a ceder, mas por margem inferior àquela que conseguiram em Aveiro (39-25), pelo que a equipa manterá o título.

Os próximos jogos — Amanhã: Esgueira-Galitos (16-40). Quinta-feira: Sanjoanense-Sangalhos (24-28).

TORNEIOS DISTRITAIS

I DIVISÃO

O FEIRENSE ganhou o título, a uma jornada do fim

17.ª jornada

ARRIFANENSE-CESARENSE 2-0
LUSITÂNIA-PEJÃO * . . . 2-0
RECREIO-V. ALEGRE. . . 3-0
CUCUJÃES-ANADIA. . . . 3-1
FEIRENSE-OVARENSE . . 1-0

* A igualdade sem golos era o resultado da primeira parte, deste encontro, disputado no Campo do Carrascal, em Santa Maria de Lamas. Todavia, o desafio não prosseguiu após o descanso, devido a lamentáveis ocorrências e à insuficiência do policiamento...

Com estes desfechos, e a uma jornada do final, o Feirense alcançou — com inegável brilhantismo e merecimento — o título de campeão. Conhece-se também o *sub-leader* (Arrifanense) e o último (Anadia). Quanto à representação de Aveiro no Nacional da III Divisão, ela será composta pelo Feirense, Arrifanense e Ovarense, e ainda por um outro grupo — Pejão ou Recreio.

Mapa da Classificação Geral						
CLUBES	J	V.	E.	D.	Bolas	P.
Feirense .	17	13	1	3	55 - 15	44
Arrifanense	17	10	5	2	30 - 13	42
Ovarense .	17	11	1	5	36 - 15	40
Pejão . . .	16	9	4	3	41 - 25	38
Recreio .	17	10	1	6	32 - 29	38
Cucujães .	17	5	2	10	25 - 40	29
Lusitânia .	16	5	2	9	19 - 24	28
V.-Alegre .	17	5	1	11	15 - 38	28
Cesarense.	17	3	3	11	26 - 45	26
Anadia . .	17	2	2	13	8 - 43	23

Jogos para amanhã

Cesarense-Feirense (3-7), Pejão-Arrifanense (1-2), Vista-Alegre-Lusitânia (0-4), Anadia-Recreio (0-1) e Ovarense-Cucujães (1-0).

RESERVAS

17.ª jornada

LUSITÂNIA-PEJÃO 1-1
RECREIO-OLIVEIRENSE . 1-3
ESPINHO-SANJOANENSE . *

* Adiado, por acordo, para data a designar.

Jogos para amanhã

Pejão-Arrifanense, Sanjoanense-Arrifanense e Beira-Mar-Cesarense.

JUNIORES

3.ª jornada

SANJOANEN.-LUSITÂNIA * 9-0
ESPINHO-FEIRENSE . . . 1-1
CUCUJÃES-OVARENSE . . 3-3
OLIVEIRENSE-BEIRA-MAR 0-1

* O grupo de Lourosa apresentou sòmente nove elementos e foi compelido a não prosseguir no desafio quando ficou em inferioridade numérica não permitida pelos regulamentos.

OLIVEIRENSE, 0 — BEIRA-MAR, 1

Jogo no Estádio de Carlos Osório, em Oliveira de Azeméis. Arbitrou o sr. Alfredo Carvalho e os grupos apresentaram:

OLIVEIRENSE — Pereira; Nelson, Costa e Godinho; Nogueira e Frango; Arlindo, Gonçalves, Silvestre, Diogo e Brasileiro.

BEIRA-MAR — Cete; Abílio, Lourenço e Maio; Gamelas e Carapina; Ruano, Carlos, Ferreira, Ramiro e Gino.

Já com a equipa mais equilibrada, com o regresso de Ramiro e a estreia de Ferreira, os beiramarenses deram em Azeméis boa conta de si, obtendo um precioso triunfo.

O golo dos amarelo-negros foi alcançado por CARLOS, a 8 minutos do termo do encontro.

Jogos para amanhã

Feirense-Sanjoanense e Espinho-Lamas, na **Série A**; e Beira-Mar-Cucujães e Oliveirense-Recreio, na **Série B**.

Xadrez de Notícias

ram presentes delegados do Sangalhos, da Ovarense, do Sporting de Aveiro e do Anadia.

O Conselho Técnico da Associação de Basquetebol, reunido na 5.ª feira, deu provimento ao protesto do Illiabum referente ao último encontro com o Galitos, que terão de realizar novo desafio.

Depois do resultado do encontro com o Sangalhos, na pretérita quarta-feira, a equipa de reservas do Galitos ganhou o respectivo Campeonato Distrital, mesmo antes do desafio que amanhã tem de efectuar com o grupo do Esgueira.

Amanhã, o desafio Peniche-Beira-Mar, do Campeonato Nacional da II Divisão, será dirigido pelo sr. Maximino Afonso, da Comissão de A'rbitros de Lisboa. Na turma aveirense, deve estrear-se Laranjeira, no posto de Raimundo.

DA MINHA JANELA...

Parque não serve e não supre as exigências do Desporto na nossa terra. De resto, o recinto — de si exíguo e com as bancadas de madeira carunchosa e enegrecida — apresenta-se com um aspecto de triste abandono, que contrasta com a radiosa onda de progresso que se nota por toda a moderna e arejada cidade de Aveiro.

3 O Sangalhos Desporto Clube vai comemorar, dentro de dias, mais um aniversário. No mundo do Desporto, dentro e fora do País, é por demais conhecida a prestigiosa e simpática colectividade bairradina, sobretudo através dos seus atletas de Basquetebol e Ciclismo.

Nomeadamente nesta última modalidade, os sangalhenses têm sido firmes baluartes em Portugal, mercê dum trabalho sério, persistente e profundo, que bem merece o aplauso geral. A grande, a maior ambição do Sangalhos é, de momento, a conclusão da vultuosa obra da Pista de Ciclismo da Bairrada — futuro palco de grandes lutas e futura forja de grandes campeões.

Por isso é que, na passagem de mais um ano de vida, daqui saudamos o Sangalhos Desporto Clube, bem como os seus operosos dirigentes — incansáveis dedicações no trabalho de engrandecer, mais e mais, a sua Colectividade e o Desporto Regional.

Pequeno Jornal das GRANDES NOTÍCIAS

POR JORGE MENDES LEAL

Ilusões da Juventude Alemã

Na passada semana, escrevemos nestas linhas que a belicosa Alemanha se entretinha pacatamente com o fabrico dos automóveis *Volkswagen*. Ora isto, ao que parece, não é totalmente verdade. Uns quantos alemães deram noutra espécie de ocupação — pintar cruzes suásticas nas paredes das sinagogas...—, que depressa se generalizou por esses países fora; e o emblema hitleriano, que todos supúnhamos remetido ao arquivo dos incidentes históricos, surgiu inesperadamente na caserna francesa de Saukt Wendel e numa clínica de Atenas, na sala de concertos de Lathis e no monumento milanês a Vitor Manuel II.

A Imprensa mundial, decalcando certas mulheres que, com o coração angustiado, minimizam, entre sorrisos, uma avassalante emergência de amor, clama tratar-se de «vulgares distúrbios a pedir intervenção policial». Mas o largo e nervoso teor de comentários acusa a lembrança sobressaltada das câmaras de gás, dos bombardeiros «Heinkel», do fogo e aço da avalanche «Panzer» esmagando as líricas semeaduras da velha Europa.

Konrad Adenauer recebeu milhares de telegramas na passagem do seu 84.º aniversário, a república Federal promete represálias intensas, um articulista do «Daily Telegraph» sugere que se evite o «alastramento das ilusões românticas da juventude alemã». Boas palavras, sem dúvida, tendentes a restabelecer o interesse do público pelas empresas espaciais e o vago duelo russo-americano. Todavia, jogando no seguro, o conselho geral sionista acaba de reunir em Telavive para estudar uma sintomática medida: o breve chamamento a Israel dos trinta mil judeus que ainda restam na Alemanha...

Fausto Coppi

Uma estúpida bronco-pneumonia reduziu a nada um homem de coração excepcional, pulmões incomparáveis, pernas sincronizadas e produtivas como qualquer motor fora de série. Os leitores que desprezam as fúteis aventuras do pedal encolhem os ombros e esboçam, formalizadamente, um inexpressivo «Coitado! Tão novo...»; o admirável Fausto, porém, que trepou com asas de semi-anjo as alturas dos Alpes e cortou em primeiro lugar um ror de metas, constituía verdadeira legenda do Desporto. Tinha a psicologia, a estatura, a auréola, os pés de barro do ídolo típico.

Sobre o seu caixão, na derradeira hora, duas almofadas com dois belos dísticos: «Al piccolo Fausto», «La Mamma». E, à sua volta, depois dos habituais compeões — Bobet, outra águia célere das estradas, Farina, catedrático do volante, Duilio Loi, prestigioso corifeu das lides do murro — a snr.ª Bruno Coppi e a snr.ª Occhini. Dir-nos-ão que, afinal, tudo se resume em vestir de crepes um triângulo amoroso igualzinho ao que se topa em Henri Ardel e Concha Becerra; ou, então, que a Providência cuidou de castigar o marido infiel, traidor, débil gigante escravizado à sedução pertinaz da Dama Branca... E' o regresso do despeito, a esquematização, no terreno mais lato da grande vida, do complexo emocional dos adversários vencidos em «fugas» audazes ou «sprints» aniquilantes.

Certamente, consideraremos uma diferença de bitola entre este caso e o daqueles que raptam Napoleão do palco soberbo de Austerlitz, ou do significativo percurso Ilha de Elba-Paris, para o julgarem sarcàsticamente nas suas fraquezas de alcova; quem duvida, no entanto, de que também agora a sociedade cuscuvilheira quer olvidar o jersey fulgurante das corridas em benefício do pijama íntimo?

Se nos permitem, e sem embargo de cotarmos elevadamente a mágoa da senhora Coppi, aqui deixamos um humilde requerimento de aceitação para as lágrimas da senhora Occhini...

Albert Camus

Na tarde de 4, perto de Chapelle Champigny, um carro saiu desabridamente do leito da estrada e foi espedaçar-se contra uma árvore. Estatística: três feridos e um morto, que se chamava Albert Camus e conquistara, em 1957, o Prémio Nobel da Literatura.

Na mesma extensão de coluna utilizada a quando da morte de Coppi, para referir o movimentado «curriculum vitæ» do ás italiano, as gazetas explicavam que o romancista de «A Peste» nascera em Mendovi (Argélia) a 7 de Outubro de 1913, fora redactor de «Le Combat» e radicara-se na senda da glória mediante realizações como «O Estrangeiro», «Os Justos», «Calígula», «Mito de Sisypho», «Rebelde», «A Queda». Nunca batera o record da hora nem participara na tradicional *Milão-São Remo*. Tão-pouco o seu passamento — apesar de se traduzir numa extraordinária perda para o mundo da Arte — suscitara tanto alvoroço como as cruzes suásticas borradas algures por uma tropa de visionários. Mas a sua figura projecta-se na história do moderno humanismo com tal clareza e virtude, com tal dimensão e fecundidade, que não é necessário, para a definir, bordar-lhe os contornos sob um prisma intelectual. Albert Camus, idealista sem mácula e sem compromissos, defensor quase místico dos mais profundos valores da consciência e da justiça, avulta como símbolo duma Humanidade atenta e investigadora, acumulando insónias na febre de devassar os seus próprios males.

Por via disso, não será precisamente este o momento dum frio, geométrico, racional, concatenado ensaio literário. Apenas há que nos curvarmos, com singela emoção, ante o desaparecimento de alguém que soube pôr o seu génio ao serviço do Homem-indivíduo e do Homem-comunidade, rasgando luminosa brecha no negrume de problemas que pertencem a todos nós.

«Ao princípio era o Verbo...»

Continuação da primeira página

vesse poisado no chamado Mar da Tranquilidade, poderíamos continuar a dizer, legitimamente, que tinha *aterrado*, visto que os mares selenitas são planícies e devem a um princípio conservador as denominações obsoletas desmentidas pela observação astronómica moderna.

Não podemos prever até que ponto serão possíveis, num futuro próximo ou longínquo, as explorações planetárias nos domínios do sistema solar. Não sabemos se chegarão a verificar-se, um dia, as viagens intragalácticas, com a exploração dos sistemas planetários de outras estrelas — sistemas que devem contar-se por muitos biliões neste império estelar a que pertencemos, ou seja a Via Láctea. Não nos atrevemos a admitir a possibilidade de digressões extragalácticas. Já se obtém o impulso inicial que permite a um objecto furtar-se à força de atracção da Terra, impulso que tem de imprimir ao objeto uma velocidade de 11 km. por segundo. Todavia, de aí até conseguir aeronaves, tripuladas por ser humanos, capazes de se deslocarem para o satélite e vizinhos mais próximos — Vénus e Marte — há uma vasta hierarquia de problemas que terão de ser resolvidos antes de se tentar a grande aventura. Para além de Marte, começa já a desenhar-se um problema de «tempo». Ainda que se considere o tempo como ficção dos nossos sentidos ou concepção meramente filosófica, a verdade é que a vida humana não tem a duração exigida por viagens em que os percursos são de milhões e biliões de quilómetros. Isto só no que diz respeito ao sistema planetário de que somos inquilinos. Com as velocidades que se obtêm hoje não chega uma vida humana para a viagem de ida e volta a Plutão, planeta que assinala, no estado actual dos nossos conhecimentos, a fronteira do império do Sol. Se pensarmos numa viagem à estrela mais próxima do nosso sistema planetário, ou seja a Alfa do Centauro, seria necessário, para concluir, a vida de várias gerações de seres humanos, nascidos e criados a bordo da aeronave. Se se conseguisse viajar à velocidade (teórica) da luz, ou sejam trezentos mil quilómetros por segundo, a viagem de ida e volta à referida estrela consumiria mais de oito anos de vida.

São viáveis os meios de transporte animados por tal velocidade? Poderá o homem percorrer os 384 mil km. que separam a Terra da Lua em pouco mais do que o tempo duma pulsação cardíaca? E vencer a distância da Terra ao Sol em pouco mais de oito minutos? Há seres humanos capazes de resistirem aos ataques da claustrofobia — e da loucura — se tiverem de viver encerrados numa cabina sem horizontes durante anos sucessivos?

Não é nosso intuito responder a estas perguntas, nem é escopo deste artigo ventilar problemas científicos, que só podem resolver-se na literatura de ficção profética. Voltemos modestamente ao nosso sistema planetário, para reatar a exposição no ponto em que a deixámos: a utilidade ou inutilidade do verbo *alunar*.

Suponha-se que amanhã se toma por alvo o planeta mais próximo da Terra: Vénus, que a ignorância do vulgo e o romantismo dos poetas continua a apelidar de «estrela da manhã» e «estrela da tarde». Se o míssil acertar no alvo, inventar-se-á o verbo «avenusar», como réplica de «alunar» e «aterrar»? Suponha-se que, em seguida, se faz pontaria «contra» o vermelho Marte, com pleno êxito. Inventar-se-á outro neologismo, para indentificar o acto da aterragem? Neste caso, podem criar-se nada menos de três verbos: «amartar», «amarciar» e «amavortar», este último com raiz em Mavorte, que é também nome do deus da guerra. Mas não será soberanamente ridículo este pendor para o neologismo desnecessário? Com esta inclinação dos homens de ciência para uma orgia nomenclatural, bastas vezes dispensável, não cairemos em pleno «vaudeville», se as experiências se repetirem, com êxito, para os restantes planetas do sistema solar? Teremos então mais verbos disparatados e risíveis: «ajupiterar», relativo à aterragem em Júpiter, ou «ajovar», que seria mais suave e significaria a mesma coisa, visto que Jove é outro nome do famigerado «pater deorum» da mitologia romana. Quanto a Saturno, teríamos «assaturnar», mas se o míssil, em vez de fundir-se na superfície do planeta, se cravasse no anel, teríamos naturalmente «anelar». Quanto a Urano, formar-se-ia talvez o verbo «auranar» ou simplesmente «uranar», mas qualquer deles não cheira bem. Para Neptuno e Plutão, formaríamos, seguindo o mesmo critério, «aneptunar» e «aplutonar». E se os dois mil planetas ou asteróides que circulam entre Marte e Júpiter merecessem as honras de um projéctil terráqueo, haveria que construir mais dois mil verbos significativos de um acto já perfeitamente identificado, desde que o Mundo é Mundo, por um vocábulo muito simples e até bastante poético: poisar.

As aves, que têm asas, voam — e poisam, há milhões de anos. Os aeroplanos, que têm asas e imitam as aves, voam — e poisam, há algumas dezenas de anos. Os projécteis interplanetários, que imitam os aeroplanos, voam — e poisam, a partir da nossa época.

Para que precisamos de «alunar» e similares? O novo vocábulo «alunar» foi aceite sem discrepância e está a ser introduzido nos léxicos das academias. Um eminente filólogo e lexicógrafo português achou-o válido. Nunca se viu um neologismo consagrado à nascença com tanto entusiasmo e precipitação. Todavia, pergunta-se: traduz uma ideia nova, que para isso é que se criam os neologismos? Evidentemente que não. O acto de «poisar» ou «aterrar» é o mesmo em todas as superfícies, terrenas ou extraterrenas.

Com o devido respeito, achamos que o verbo «alunar» é um objecto de sumptuária lexicográfica absolutamente perfunctório.

Alves Morgado

Vae victis!

PÁGINA DOS JOVENS AVEIRENSES

Litoral • Aveiro, 9 de Janeiro de 1960 • Ano VI • N.º 272

Direcção de

JAIME BORGES e PEREIRA DA SILVA

Uma Exposição de ARTE ABSTRACTA em Ílhavo

Jovens irreverentes, estudantes do Ensino Superior, Emanuel Arroja Macedo e João António Paradela resolveram expor no Illiabum Clube. E a exposição, que constituiu um excelente êxito, surpreende, se notarmos que se trata de pintura abstracta — uma arte para a qual não julgávamos os ilhavenses preparados.

Emanuel Arroja Macedo

— Quando abrimos a exposição — confessou-nos Macedo *— pensámos mais numa brincadeira do que noutra coisa*

João António Paradela

qualquer. Temos vendido quadros a preços baixíssimos... porque nunca julgámos vendê-los!...

— E acham que o público de Ílhavo vos tem compreendido? — inquirimos.

— É bom frisar que eu já aqui fiz três exposições semelhantes — retorquiu Manuel Macedo*—. Eram um pouco mais simples, é verdade, mas serviram, precisamente, de preparação para estas mais avançadas.*

— Quanto a projectos...

Foi António Paradela, desta vez, que elucidou:

— Brevemente, exporemos em Aveiro, patrocinados pelo Cine-Clube. Cumpre-nos agradecer a penhorante amabilidade dos seus dirigentes, assim como das inúmeras pessoas que nos têm encorajado a prosseguir. Depois... não temos, de momento, qualquer plano formado. O futuro o dirá...

*

Terminara a entrevista. E foi pensando no excelente exemplo que estes dois jovens ilhavenses virão dar em Aveiro, na sua próxima exposição, aos jovens artistas plásticos da nossa terra — que, teimosamente, continuam a conservar-se na penumbra... — que nos despedimos de Emanuel Arroja Macedo e João António Paradela com um cordial «até breve!»

A' guisa de EXPLICAÇÃO

Desde o último espectáculo que o Teatro Experimental de Aveiro teve a honra de apresentar, vem sendo cada vez maior o número de pessoas que se nos dirigem, com esta pergunta:

— Qual a vossa nova peça, e quando a levam à cena?

Pergunta lógica, que bem revela o agrado e o interesse que o público aveirense dedica ao Teatro, ou, direi melhor, ao seu Teatro Experimental.

Seria agradável, e era nosso desejo, que a essa pergunta fosse dada uma resposta concreta; mas, infelizmente, uma dificuldade tem surgido que nos obriga à mesma resposta evasiva, muito embora esperançosa:

— Brevemente...

E' dessa dificuldade que eu quero falar, porque é de vós, aveirenses, que virá a solução para ela.

Lutamos com a falta de elementos femininos, e estes, lutam com a vossa incompreenção, pais e famílias de Aveiro!

Quantas raparigas querem vir ao Teatro Experimental, e a quantas vós negais autorização!

Nos países nórdicos, onde se sabe que o nível intelectual do povo é elevado, faz parte do programa escolar a representação periódica de peças teatrais. No nosso não; mas julgo que tem maior mérito o povo que procura cultivar-se por si, do que aquele que a isso é obrigado.

O Teatro Experimental é um centro cultural que procura, única e simplesmente, fazer Arte, e é a essa Arte que vós negais apoio, muito embora, eu sei, gosteis de apreciá-la.

Não morreu, pois, o Teatro Experimental de Aveiro, como alguns mais ousados, ou, quiçá, mais pessimistas, com um sorriso triste o disseram já. Ele vive ainda, mas só no desejo dos seus fundadores, e na memória de quantos viram a sua primeira representação. Para que esse desejo se concretize, e essa vida se revele, é necessário que vós o não deixeis morrer, e façais desaparecer essa única dificuldade.

Se ele viver, será mais um sonho de uns, que se tornou realidade para todos; mas se morrer, será sempre um sonho de aveirenses, que aveirenses mataram.

Sales Gomes

NOCTURNO

As luzes dançam no quarto.
Os automóveis passam na estrada.

Os livros estão nas prateleiras, quietos,
Coitados, sendo tão vivos.

E os homens dançam e mexem-se, coitados,
sendo tão mortos.

João Boutonnet Resende

Lembrando... AGOSTINHO da SILVA

Um carácter exemplar

Evidentemente que não somos do tempo em que Agostinho da Silva leccionou, com a isenção, o carinho, o entusiasmo e competência, que o tornaram querido e admirado, no Liceu de Aveiro. Isso já lá vai há muito, e sabemos que a geração recente o desconhece — e o desconhecimento equivale à não existência de qualquer obra.

Agostinho da Silva não morreu. Vive, presentemente, onde encontra meio mais propício à expansão do seu carácter isento, perfeito e apaixonado na missão a que se lançou.

Professor por vocação, mestre querido e escritor por Ideal, deixou uma obra relativamente curta, donde sobressaiem as VIDAS de alguns imortais — fruto do seu sonho de educação popular com base nos grandes exemplos. Essas pequenas biografias são obras-primas na arte de escrever e de lembrar os biografados.

Supomos que são só nove, infelizmente, esses livrinhos. Mas da Vida de Miguel Angelo à de Pestalozzi, Agostinho da Silva cumpre o que pode daquilo que julgou ser o seu dever de verdadeiro professor e artista.

Tão probo que consagrava, diàriamente, uma hora de reflexão total, para preparar as lições diárias, é justo que recordemos o seu nome, e o tomemos como exemplo de dignidade profissional e ideológica.

Ainda não morreu, mas é como se tivesse morrido para esta geração, que o desconhece. E o que lamentaríamos, sobretudo, seria a não realização total da obra de que é capaz. Oxalá a consiga.

Pereira da Silva

EU

Poema de RUI DE ALMEIDA

Aquele que conheceis
e a quem cortejais
tirando o chapéu
não sou eu:
é o não-eu.
Eu sou o homem
vulgar, banal,
fraco como um mortal
em que há sede,
sede ardente
de ser melhor.
Eu sou o homem
inquieto, atormentado,
a cumprir o triste fado
de viver como não quer.
Quando me virdes na rua
não me tireis o chapéu
não disputeis a direita
não saudeis o não-eu.
Votai-me o vosso desprezo
e então serei feliz
por saber que já sabeis
que eu não sou o não-eu.

Linóleo de ZÉ PENICHEIRO